

O PASTOR E OS SEUS RELACIONAMENTOS: DA INTEGRAÇÃO COM A COMUNIDADE

  Charles Fabian Costa Fernandes ^{1,*}

RESUMO

A influência do pastor deve ir além das quatro linhas da igreja, isso quer dizer que a própria igreja naturalmente exercerá uma influência além dos limites de seu ambiente interno. Esta perspectiva se baseia no ensino bíblico sobre a missão da igreja, a qual envolve alcançar o mundo com o evangelho de uma maneira holística. Desta maneira, o pastor tem a missão de liderar a igreja tendo em vista impactar positivamente a comunidade ao seu redor tanto com a proclamação quanto com a demonstração do evangelho. Isso quer dizer que a missão da igreja abrange igualmente a pregação das boas novas quanto a prática das boas obras. Este foi o método que Jesus utilizou durante o seu ministério terrestre.

Palavras-chave: Religião. Habilidades Sociais. Pastoral. Teologia prática.

¹ Doutor em Ministério pelo Fuller Theological Seminary (FULLER). Docente no Seminário Adventista Latino-America de teologia – Faculdade Adventista da Bahia (SALT-FADBA).

***Autor correspondente:**
charles_fabian@hotmail.com

Submissão: 05/2021
Aceite: 12/2021

Como citar

FERNANDES, C. F. C. O pastor e os seus relacionamentos: da integração com a comunidade. *Práxis Teológica*, v. 17, n. 1, p. e1580, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2021v17n1.e1580>.



INTRODUÇÃO

Este artigo abordará o papel do pastor como um líder que promove a integração da igreja relação à comunidade. Nas palavras de Timothy Keller (2014, p. 349), isso significa “pôr as pessoas em contato com a cidade (por meio da justiça e da misericórdia)”. Um dos pontos que merecem ser considerados é como o pastor pode contribuir para que a igreja seja relevante na comunidade, uma visão teológica sobre o modo pelo qual a igreja pode cumprir sua missão no contexto específico em que se encontra. Visão teológica significa uma perspectiva ministerial que não se refere às doutrinas estritamente falando, tampouco quer dizer o modo como fazemos igreja por intermédio dos nossos programas. Ela diz respeito a uma percepção ministerial que é fruto de profunda reflexão no significado do Evangelho com o intuito de encontrar a melhor maneira de aplicar as doutrinas bíblicas ao mundo moderno.

A importância de uma visão teológica foi expressa por Keller (2014, p. 20-21) da seguinte maneira:

[...] deveria existir, entre nossas crenças doutrinárias e nossas práticas ministeriais, uma visão muito bem concebida de como aplicar o evangelho à cultura e ao momento histórico em particular. Isso é algo mais prático do que simples crenças doutrinárias, mas muito mais teológico do que os passos de um “manual” sobre como desenvolver determinado ministério. Quando essa visão é implantada, com suas ênfases e valores, os líderes da igreja são levados a tomar boas decisões sobre culto, discipulado, evangelismo, serviço e engajamento cultural em sua área de ministério – seja em uma região central, em bairros mais afastados e de classe média-alta ou em cidades menores.

Em outras palavras, a visão teológica de uma igreja é fruto de uma profunda reflexão bíblica associada a um estudo minucioso sobre a cultura ao redor. Sem uma visão teológica devidamente calibrada pelo Evangelho e sintonizada com a cultura na qual está inserida, a igreja dificilmente produzirá muitos frutos (e frutos que permaneçam). Consciente da importância desse passo, Keller (2014, p. 21-22) menciona as implicações dessa visão acerca da vida da igreja: “Temos que discernir onde e como a cultura pode ser desafiada e apoiada. As respostas a essas perguntas têm um impacto enorme em nossa pregação e evangelização e em nossa maneira de organizar, liderar, discipular e pastorear o rebanho”.

O teólogo norte-americano Richards Lints (*apud* Keller, 2014, p. 22) também destaca a importância da visão teológica e qual deve ser o seu propósito: “A visão teológica moderna deve buscar levar todo o conhecimento de Deus à sociedade de sua época para que sua época seja transformada”.

Keller (2014, p. 23) conclui, apresentando sua definição de visão teológica: “O que é, então, uma visão teológica? É uma reafirmação fiel do evangelho, como implicações valiosas para a vida, para o ministério e para a missão, em determinado tipo de cultura e em certo momento da história”.

Quando se fala em ter uma igreja frutífera, muitos pastores pensam rapidamente no aumento do número de membros. Isso não está errado, mas incompleto, pois, embora Jesus tenha dito que seus discípulos deveriam dar muito fruto (Jo 15:8) e Paulo tenha deixado claro que fruto pode se referir às conversões (Rm 1:13), o sentido do termo é mais abrangente. “Fruto” também está associado ao

caráter santificado conforme pode ser visto no ensino bíblico a respeito do fruto do Espírito (Gl 5:22). Além disso, as boas obras praticadas aos pobres também são consideradas “fruto” (Rm 14:28).

A vida é feita de relacionamentos, e o pastor tem ao mesmo tempo o privilégio e o desafio de construir relacionamentos autênticos e saudáveis em todos os níveis: conjugal, familiar, fraternal, profissional e institucional.

INTEGRAÇÃO COM A COMUNIDADE

A influência do pastor deve ir além das quatro linhas da igreja. Isso quer dizer que a própria igreja naturalmente exercerá uma influência além dos limites de seu ambiente interno. Essa perspectiva se baseia no ensino bíblico sobre sua missão, que consiste em alcançar o mundo com o evangelho de maneira holística.

Assim, o pastor tem a tarefa de liderar a igreja visando impactar positivamente a comunidade ao redor, tanto com a proclamação do evangelho quanto com a demonstração dele. Portanto, a missão da igreja abrange igualmente a pregação e a prática das boas novas. Esse foi o método que Jesus utilizou durante o seu ministério terrestre:

Jesus percorria toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do Reino e curando todo tipo de doenças e enfermidades entre o povo. E sua fama correu por toda a Síria. Trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoniados, epiléticos e paralíticos. E ele os curou. E da Galileia, de Decápolis, de Jerusalém, da Judeia e do outro lado do Jordão numerosas multidões o seguiam. (Mt 4:23-25)

Em sua missão redentora, Jesus se importava não apenas em pregar uma mensagem de perdão, mas restaurar integralmente as pessoas em todas as suas dimensões. Os evangelhos mostram o quanto a precariedade do povo afetava emocionalmente a Cristo:

Um leproso se aproximou de Jesus e lhe pediu, de joelhos:

– Se o Senhor quiser, pode me purificar.

E Jesus, *profundamente compadecido*, estendeu a mão, tocou nele e disse:

– Quero, sim. Fique limpo! (Mc 1:40-41; grifo nosso)

Ao ver as multidões, *Jesus se compadeceu delas*, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor. (Mt 9:36; grifo nosso)

Naqueles dias, quando outra vez se reuniu grande multidão, e não tendo o que comer, Jesus chamou os discípulos e lhes disse:

– *Tenho compaixão desta gente*, porque já faz três dias que eles estão comigo e não têm o que comer. (Mc 8:2; grifo nosso)

Em sua obra *Missão transformadora*, David Bosch (2002, p. 480) afirma: “A relação entre as dimensões evangelísticas e social da missão cristã constitui uma das áreas mais difíceis da teologia e da prática da missão”. Por sua vez, René Padilla (2009, p. 76), afirmou a preeminência da dimensão social da missão cristã: “Deus ama a justiça, e ninguém que tenha nascido de Deus pode permanecer indiferente diante da exploração e da injustiça, a pobreza e da fome que afligem seus semelhantes”.

Para Padilla, quando uma igreja local perde a capacidade de relacionar sua mensagem à vida prática e à vida pública, ela se transforma numa seita. Tal situação é uma evidência forte de que Jesus Cristo deixou ser o Senhor dela (PADILLA, 2003, p. 25).

Apesar do sólido fundamento bíblico para a ação política e para a justiça social, existem alguns perigos nesses dois empreendimentos. O primeiro deles é o de transformar a justiça social em um fim em si mesma. Assim como a busca por santidade pode se tornar legalismo pietista, os esforços em favor da justiça social trazem o risco de “cuidar das necessidades sociais sem cuidar da condição do coração” (FOSTER 2008, p. 255).

Outro perigo reside em julgar os que não estão igualmente envolvidos com a causa. A esse respeito, Foster (2008, p. 256) comenta:

Como [a justiça social] atua principalmente no nível das ações e do estilo de vida, as pessoas podem facilmente ser julgadas com base nos padrões externos mais superficiais. O nível de compromisso de alguém com um estilo de vida simples, por exemplo, quase sempre se baseia no tipo de casa em que mora ou no meio de transporte ou roupas que usa.

Por fim, há o perigo do partidarismo político ou ideológico, sobre o qual o autor adverte:

Nossa fé é política e ela faz juízos de valor sobre os interesses políticos. Mas essa relação política precisa ser administrada de forma que nunca sejamos cooptados por nenhuma convicção nem programa político algum. A igreja sempre deve se posicionar como consciência do Estado, insistindo em que ele cumpra a função que recebeu de Deus, de garantir justiça e ordem na sociedade. Uma relação íntima demais com qualquer entidade política cegará nossa lâmina profética. (FOSTER, 2008, p. 257)

Na percepção de Davey (2010, p. 11), “la iglesia intenta responder cada vez más a su encarnación urbana haciendose comunidad que escucha y aprende”.

De acordo com Williams (apud DAVEY, 2010, p. 433-434), “Urban mission calls people to participate in the life of kingdom in a particular context, speaking a certain language, telling a certain story, witnessing to certain non-negotiable things about humanity and about the context in which humanity lives”.

De acordo com as Escrituras, a experiência religiosa autêntica não ignora a necessidade de lutar para que neste mundo haja justiça e paz para todos. A esperança escatológica vive numa tensão criativa entre o já e o ainda não. Ela não reduz a missão da igreja a um projeto apenas temporal, mas, ao mesmo tempo, não se aliena deste mundo caído com todas as suas mazelas sociais e espirituais. Isso porque, conforme declarou William Penn (apud FOSTER, p. 199), “a verdadeira piedade não arranca os homens do mundo, mas os capacita a viverem melhor nele e estimula seu empenho de consertá-lo”.

Durante o período em que os israelitas estiveram no cativeiro babilônico, Deus ordenou, por meio do profeta Jeremias, que tivessem uma atitude positiva em relação à cidade de Babilônia. Deus mandou que eles construíssem casas e plantassem vinhas na cidade do exílio (Jr 29:5); ordenou que se casassem e que tivessem filhos em Babilônia a fim de multiplicarem-se e não diminuíssem (Jr 29:6); os instruiu a que buscassem a prosperidade da cidade e que orassem em favor dela, pois a prosperidade deles dependeria da de Babilônia (v. 7). É surpreendente que Deus tenha dado essas orientações aos israelitas em relação à cidade que representava a rebeldia contra Ele. Timothy Keller (2014, p.171)

demonstra quão impressionante foi essa ordem divina e como isso revela o lugar das cidades no plano da salvação:

O mais impressionante de tudo é que Deus manda que sirvam à cidade: “Empenhai-vos pela prosperidade da cidade [...] orai ao SENHOR em favor dela” (v. 7). Enquanto estiverem na Babilônia não devem apenas aumentar a tribo em um gueto dentro da cidade; devem usar seus recursos para o bem comum. Isso é um equilíbrio em tanto! De Gênesis 11 até o Apocalipse, a Babilônia é representada como o epítome da civilização construída no egoísmo, no orgulho e na violência – a suprema cidade do homem. Os valores dessa cidade contrastam totalmente com os valores da cidade de Deus; mesmo assim, aqui os habitantes da cidade de Deus são convocados a ser os *melhores* residentes dessa cidade do homem em particular. Deus manda que os exilados judeus não ataquem, não desprezem nem fujam da cidade enquanto crescem em número.

Para Padilla (2009, O que é Missão Integral, p. 100), “[...] a igreja é chamada a uma missão integral, ou seja, uma missão que inclui tanto evangelização como serviço social e a ação social”. Uma das principais consequências de aceitar o caráter holístico da salvação é ampliar o escopo da missão da igreja para além dos limites tradicionais. Isso significa que a tarefa não terá como alvo apenas “a salvação de almas”, mas o atendimento às necessidades sentidas das pessoas, tanto as físicas quanto as emocionais, sociais e espirituais. A esse respeito, Bosch (2002, p. 479) comenta:

A salvação é tão coerente, ampla e profunda quanto o são as necessidades e as exigências da existência humana. Missão significa, por conseguinte, estar envolvido no diálogo contínuo entre Deus, que oferece a salvação, e o mundo, que – enredado por toda espécie de mal – anela por essa salvação.

A forma como a igreja atua no contexto latino-americano deve ser derivada de uma eclesiologia bíblica e ao mesmo tempo relevante para a época atual. Assim, é necessária uma constante reflexão teológica, feita de maneira comunitária, ouvindo a comunidade ao redor e buscando avaliar criticamente a *práxis* à luz das Escrituras e da resposta dessa comunidade.

TRANSFORMAÇÃO ECLESIAL E COMUNITÁRIA

A igreja é chamada a causar um impacto positivo no mundo. Na metáfora de Jesus sobre o sal da terra e a luz do mundo, fica evidente esse desafio. Mas como ela pode realmente fazer diferença no mundo de maneira que traga real transformação à vida das pessoas e da comunidade?

A Bíblia apresenta a missão da igreja como tendo alguns propósitos que se sobrepõem. O primeiro deles é abençoar o mundo. No chamado de Deus a Abraão, isso ficou bastante claro: “Farei de você um grande povo, e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e *você será uma bênção*. Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem; e *por meio de você todos os povos da terra serão abençoados*” (Gn 12:2-3; grifo nosso). Nessa declaração, Deus afirma que Abraão seria uma bênção, mas para abençoar. Nisto se concentra a missão da igreja: ser uma bênção para abençoar as pessoas ao redor dela.

No modelo do Antigo Testamento, esse objetivo seria alcançado de maneira centrípeta, pois Israel seria a luz para as nações que iriam até Jerusalém para ser abençoadas pelo Deus verdadeiro.

Apenas durante a primeira parte do reinado de Salomão esse propósito foi parcialmente atingido. Logo em seguida, Israel se afastou de Deus, adorando ídolos e vivendo em total apostasia. Em vez de glorificar o nome de Deus com seu testemunho, a nação escolhida fez com que o nome dEle fosse blasfemado.

Com a vinda de Cristo, o plano continuou o mesmo, porém dessa vez, por meio da igreja, a missão ocorreria de forma centrífuga, partindo do centro para a periferia. A igreja deveria sair para pregar o evangelho, fazendo discípulos de todas as nações. Durante mais de dois mil anos de história, ela procurou obedecer à grande comissão, mas de diversas maneiras, experimentando altos e baixos, algumas vezes desviando-se para uma compreensão distorcida ou incompleta da tarefa. Ainda assim, a igreja continua viva e, conseqüentemente, também sua missão.

As bases teóricas desta proposta comunitária estão relacionadas com o ministério de Cristo aqui na terra. Esta compreensão está fundamentada em algumas passagens bíblicas, tais como: “Deus ungiu a Jesus de Nazaré que andou por toda parte fazendo o bem” (At 10:38); “Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda a sorte de doenças e enfermidades entre o povo” (Mt 4:23); e “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos e apregoar o ano aceitável do Senhor” (Lc 4:18-19).

A partir dos evangelhos, são encontradas as bases bíblicas para uma proposta de transformação comunitária alinhada com o método de Cristo. Numa análise rápida dos textos acima citados, é possível apontar os seguintes pontos essenciais do ministério público de Cristo: 1) Jesus tinha em mente fazer o bem a todas as pessoas; 2) Jesus ia ao encontro das pessoas onde elas estivessem e aproveitava todas as oportunidades e circunstâncias para ministrar às suas necessidades; 3) Jesus exercia um ministério holístico com três vertentes: pregação, ensino e cura; e 4) Jesus realizava sua missão na dependência do Espírito que o havia ungido para evangelizar os pobres, anunciar a libertação aos cativos e restauração da visão aos cegos e para pôr em liberdade os oprimidos.

A igreja local precisa florescer onde foi plantada. Sabendo que não conseguirá influenciar todas as comunidades, são necessários todos os tipos de igreja para alcançar todos os tipos de pessoas. Mas há um princípio que ajuda: a igreja deve ponderar juntamente com a sua liderança e os seus membros sobre os recursos que dispõe e as oportunidades que a comunidade concede. O objetivo é criar uma conexão missional entre os recursos da igreja e as oportunidades de serviço, além disso, também formar parcerias com os agentes da comunidade que estejam trabalhando pelo bem comum.

As bases teóricas para transformação comunitária de acordo com a Igreja Adventista do Sétimo Dia levam em conta a visão de que igreja local possui dons e recursos que devem ser administrados de maneira a produzir o maior bem possível na comunidade na qual ela está inserida, o objetivo é levar as pessoas a glorificarem a Deus ao verem as boas obras praticadas pelo povo de Deus o qual foi chamado a se dedicar a isso (Mt 5:16; Tt 2:14,3:1,8, 14).

Infelizmente, muitas igrejas locais têm um baixo nível de engajamento em ministérios de ajuda e desenvolvimento social. A maior parte de seus membros veem a igreja principalmente como uma fortaleza onde buscam se proteger das “influências do mundo” ou como um clube social onde é possível encontrar os amigos e desfrutar de um bom serviço de culto. O grande desafio é fazer com

que essa mentalidade consumista dê lugar a uma visão da igreja como uma força em movimento cuja missão é fazer discípulos para Cristo. Em vez de organizarem os membros para cumprir a missão de maneira holística, gastam a maior parte do tempo e recursos consigo mesmos. É comum conhecer cristãos nominais que se mantêm alheios a questões sociais como pobreza, desemprego, violência doméstica, trabalho escravo, meio ambiente, feminicídio etc. Todas essas questões chegam ao seu conhecimento, mas despertam pouco interesse prático, pois eles vivem em uma bolha religiosa.

Portanto, um dos primeiros passos para que a igreja local seja um agente de transformação comunitária é desenvolver uma reflexão teológica com toda a igreja a partir de sua liderança sobre o papel que o corpo de Cristo deve exercer na comunidade.

Durante essa reflexão teológica deve ser considerado as três opções que a igreja tem diante de si: ela pode ser a igreja *na* comunidade, simplesmente tendo um endereço, tornando-se desta forma alienada e irrelevante; pode ser a igreja *para* a comunidade, com um posicionamento assistencialista que se limita a suprir as necessidades imediatas, como alimentos e roupas, mas sem se interessar com a transformação da comunidade; ou pode ser finalmente a igreja *com* a comunidade, que assume uma postura de parceria, que ouve a comunidade, tenta interpretá-la, identifica as oportunidades de ação conjunta, permitindo uma troca de experiências e um enriquecimento mútuo. Tudo isso com o propósito de não apenas dar assistência, mas principalmente contribuir para o desenvolvimento social da comunidade. Essa é uma igreja que busca atuar levando em conta os talentos, a experiência e a liderança presentes na comunidade; assim, ela assume uma postura humilde e inclusiva para compartilhar a mensagem do evangelho ao mesmo tempo que o demonstra em ministérios de ajuda e desenvolvimento social.

Para isso, um dos passos fundamentais é realizar uma análise social mais profunda, com a ajuda das ciências sociais. Outro passo é buscar desenvolver ações em parceria com a comunidade, identificando as lideranças que já trabalham pela transformação comunitária. É preciso formar parcerias com essas pessoas a fim de lutar por uma transformação duradoura e emancipadora, que ofereça às famílias oportunidades para o seu desenvolvimento e autonomia. Contudo, todas essas iniciativas devem ser realizadas mantendo a prioridade da pregação do evangelho com o propósito de fazer discípulos para Jesus Cristo no contexto das três mensagens angélicas de Apocalipse 14. Isso é muito desafiador, é caminhar por uma estrada menos trilhada; porém, hoje compreendo que é essa visão ministerial deve fazer parte do escopo da nossa missão de cada igreja adventista local.

REFERÊNCIAS

BOSCH, D. J. **Missão transformadora**: mudança de paradigma na Teologia da Missão. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.

DAVEY, A. **Crossover City**: Resources for Urban Mission and Transformation. Londres: Mowbray, 2010.

FOSTER, Richard. **Rios de Água Viva**: práticas essenciais das seis grandes tradições da

espiritualidade cristã. São Paulo: Editora Vida, 2008.

KELLER, T. **Igreja centrada**: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no Evangelho. São Paulo: Vida Nova, 2014.

MYERS, B. L. **Walking with The Poor**: Principles and Practices of Transformational Development. New York: Orbis Books, 2011.

PADILLA, C. R. **La iglesia local como agente de transformación**. Buenos Aires: Ediciones Kairós, 2003.

PADILLA, C. R. **O que é missão integral**. Viçosa: Ultimato, 2009.